



N.º 3

JANEIRO
DE 1922

PERALTA — 1921

: : MENSÁRIO DE ARTE : :

SUMÁRIO

- ROSAS NEGRAS — por *Visconde de Vila-Moura*.
SONETO — por *Hernani Cidade*.
ESTRÉLAS — por *A. Santos Júnior*.
RIMANCE DO PRÍNCIPE DA MELANCOLIA — por *José Figueira Lopes*.
INDECISÃO — por *Thibaldina Mota*.
A PAIXÃO DO MAESTRO — por *Pina de Morais*.
BALADA GUTONICA — por *A. Peretra Cardoso*.
DO AMOR E DA SAUDADE — de *A. Pinto Nunes*.
CRÉDORES E CEGOS — por *Alvaro Delmar*.
AO RÍTMO DA ARAGEM — por *Abílio de Mesquita*.
O VIRA — página musical de *Armando Leça*.
VIDA LITERÁRIA — *C. G.*

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA
DE «A TRIBUNA» — RUA DUQUE DE
LOULÉ, 108 & 124 — PORTO : : : : :

• • HVMMVS • •

MENSÁRIO DE ARTE

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
TITOLÍVIO MOTA

ADMINISTRADOR—JACINTO ANDRADE
EDITOR—ACÁCIO GOUVEIA

ASSINATURAS

Ano.....	5\$90		Trimestre.....	1\$50
Semestre.....	2\$95		Numero Avulso.....	\$60

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE S. ROQUE DA LAMEIRA, 2334
PORTO

DOS NOSSOS COLABORADORES

LIVROS QUE SE ANUNCIAM:

- AMOSTRAS SEM VALOR*—por Afonso de Bragança.
- CONTOS BARBAROS*—por António P. Cardoso.
- DOR E SAUDADE*—quadras por D. Thibaldina R. Motta.
- MAL-ME-QUER*—por Celestino Gomes.
- NUVENS*—por Abílio de Mesquita.
- PAÇOS DO ENCANTAMENTO*—por Narciso de Azevedo.
- PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO DO QUENTAL*—por Leonardo Coímbra.
- P'RÁS MOÇAS DA MINHA TERRA*—quadras por António P. Cardoso.

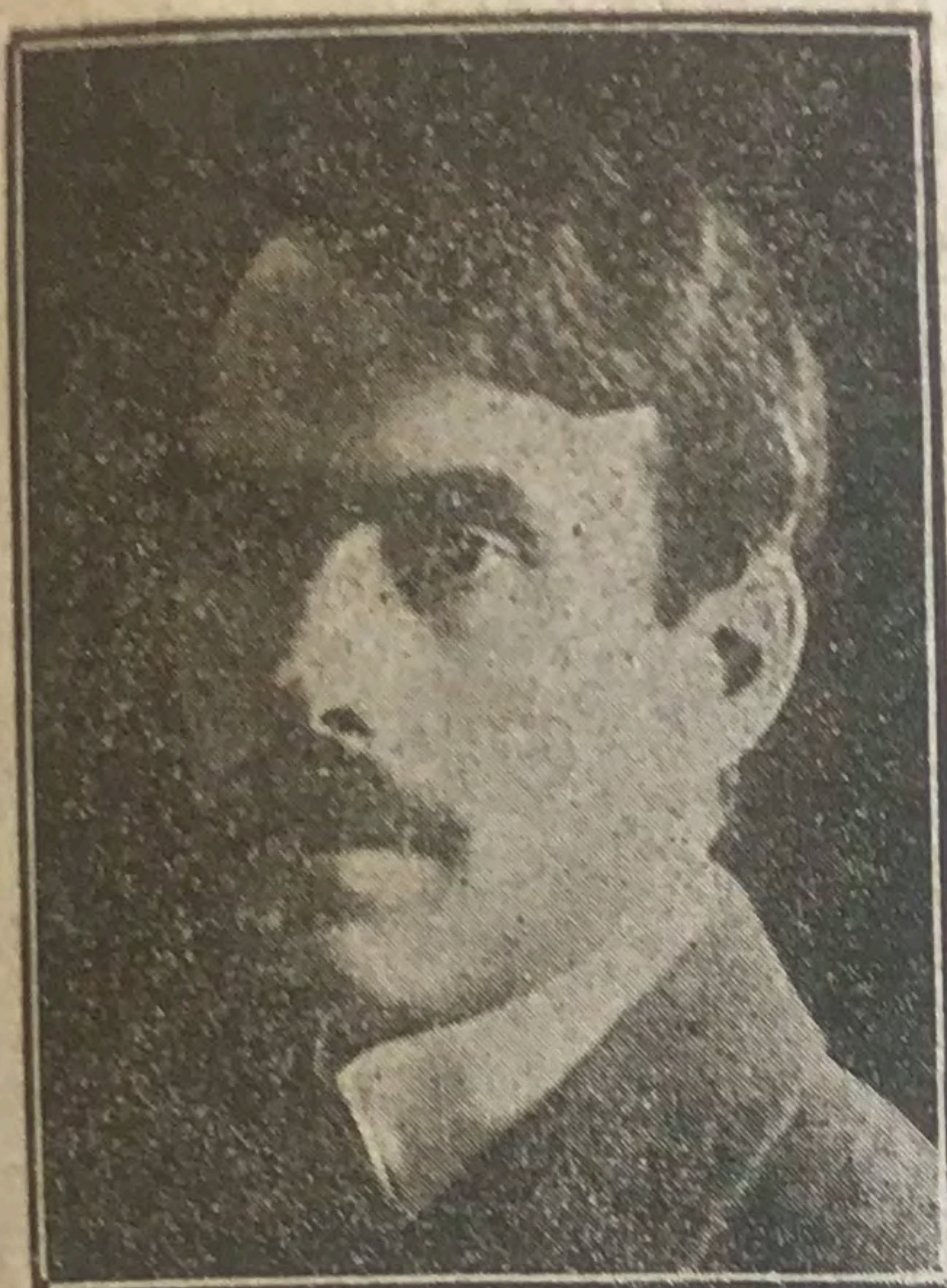


BUSTO DE VELHO

ESCULTURA
DE SOUSA CALDAS

GRAVURA DE SIMÃO GUIMARÃES
«HVMVS» N.º 3

:: HVMVS ::



ROSAS NÊGRAS

pelo VISCONDE de VILA-MOURA



(É um inédito de Vila-Moura, o formidável artista da *Nova Sapho*, o grande dos *Grandes* de Portugal, a página que hoje temos a honra de publicar).

Ai do Artista que se dá a ver pelos olhos
do publico. Antes cego!

Um Portugal o suor é mais limpo
po do que o sangue.

Os maus criticos têm pelo Artista
o meoquinho odio que as milhennas
pis notam seus parentes pobres.

A Critica d'Arte - eis o aoylo de todos
os que fallaram em Arte.

A mais bella manifestação da vida é a Arte. A
mais bella das Artes é a Esculptura. O mais
dos escultores é o tempo. A obra mais
bellamente esculptura da neto tempo é a Des-
gracia.

Considerai os Destinados! Concertam
com os simples a Folha de Destino.

Visconde de Villa-Moura

SONETO

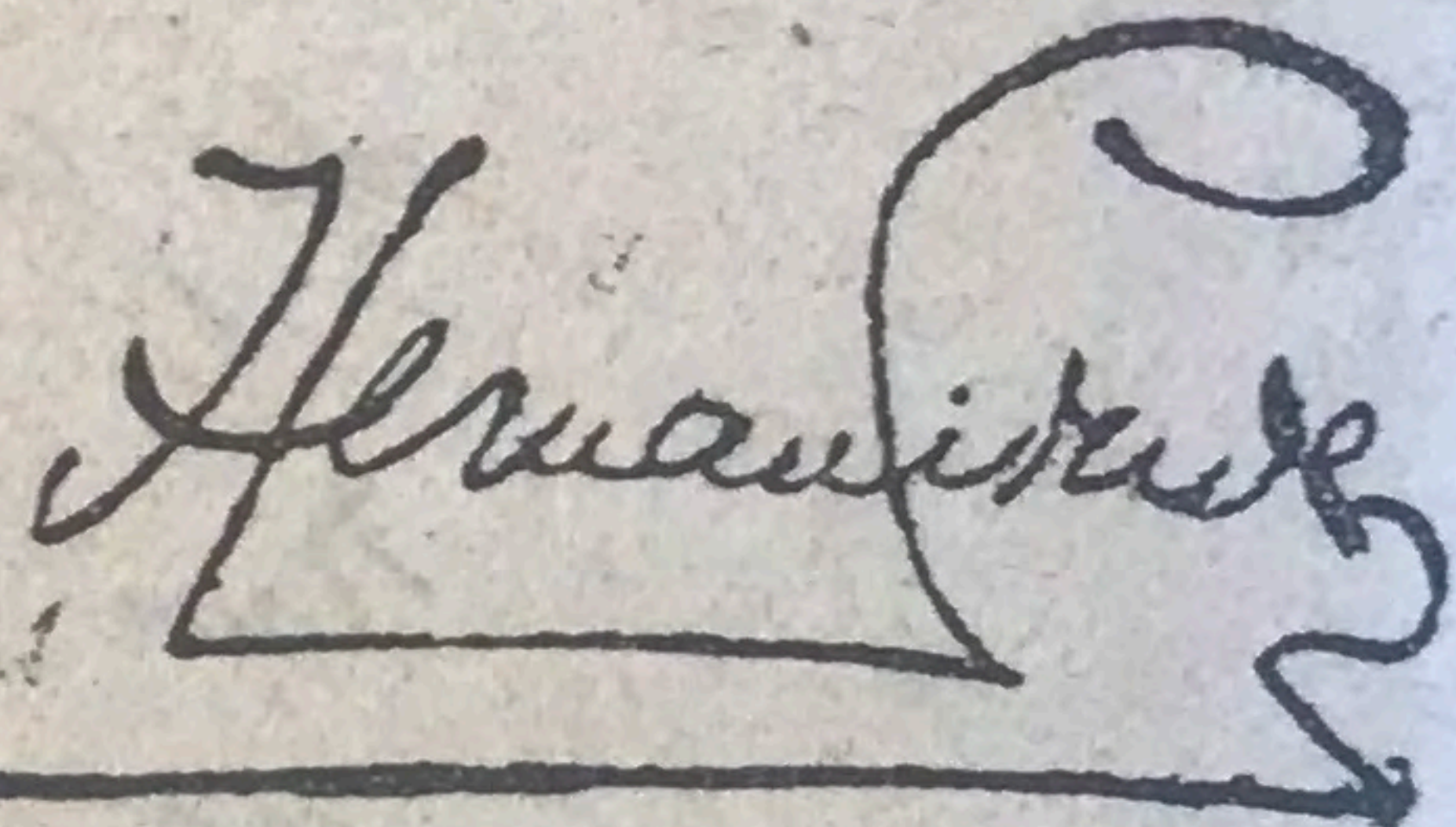
DE HERNANI CIDADE

Antigamente, um cavaleiro andante,
de volta ao seu castelo de balada,
enlouqueceu, na evocação ansiada
do esplendor das Terras do Levante.

E, num delírio, à fortaleza alçada
ateia o fogo, para a ver, distante,
de coroa de chamas diademada,
toda em oiro de brazas, crepitante!

Depois, trágicamente, mundo fora,
ei-lo gritando, desconexo:—Aurora!...
Zimbórios!... Pedrarias!... Vinde ver!...—

enquanto o escudeiro, em voz de reza:
—No mesmo sonho, diz, tenho a alma acesa;
entanto, calo-o, que o não sei dizer!...



ESTRELAS!...

DE A. SANTOS JÚNIOR

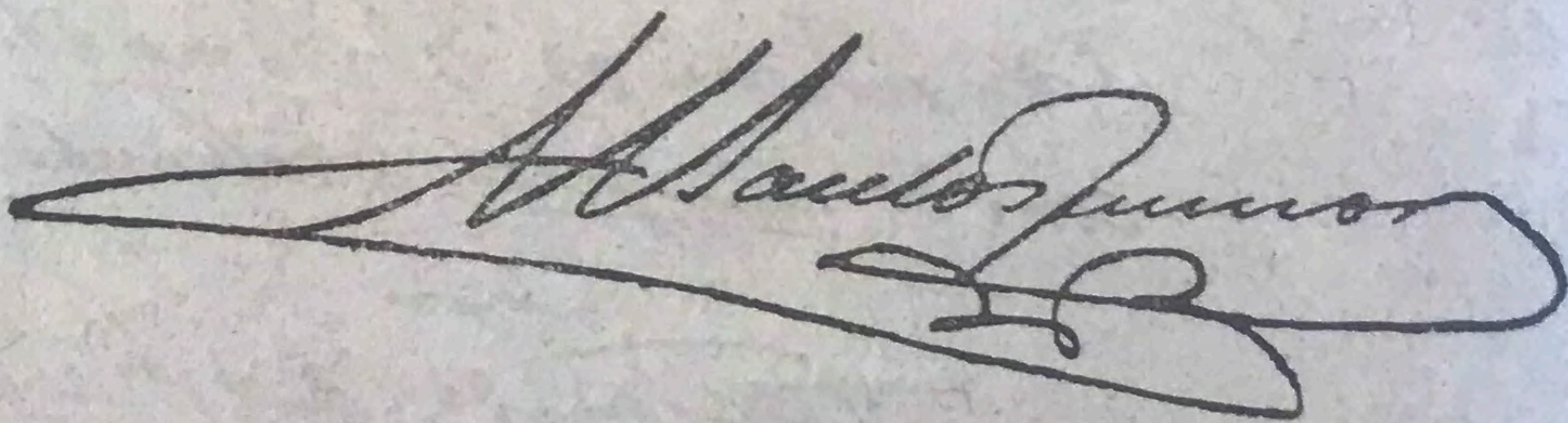
Estrelas que fulguram lá nos longes,
Encantadinhas, trémulas d'amor,
São noivas ideais de certos monges
Ascetas do penar, heróis da dor.

Estrelas que fulguram são princezas
Que no império—noite vêm reinar,
Silhuetando a tréva d'incertezas...
Hesitações de luz a scintilar...

Estrelas!... Namoradas dos poetas!
Almas peregrinas, inquietas,
Brincando descuidadas no além...

Tecedeiras subtis de lindas teias
Que desafiam cantos às sereias,
Chamando a si as almas que se perdem...

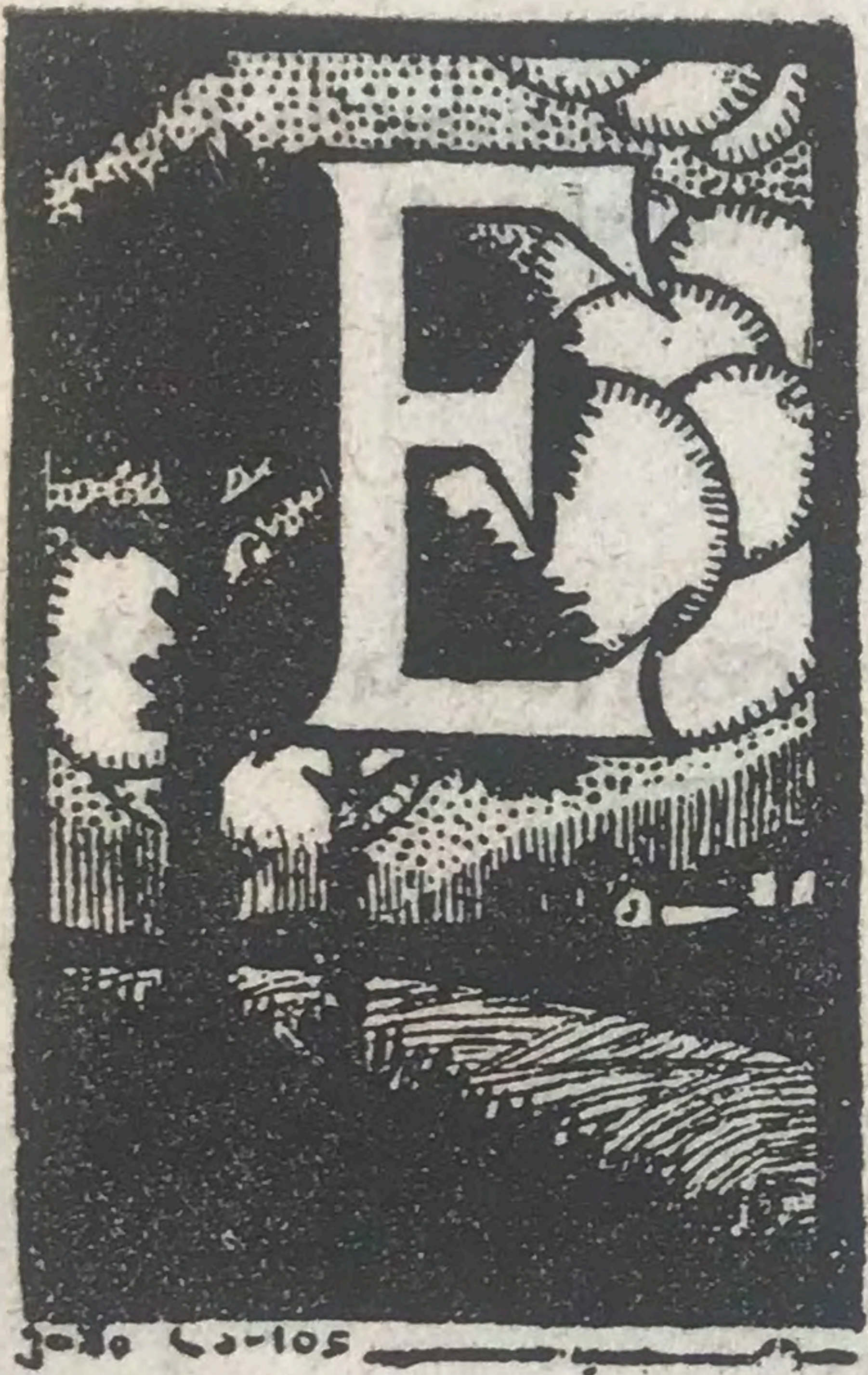
Outubro, 24-21.



RIMANCE DO PRÍNCIPE DA MELANCOLIA

POR JOSÉ FIGUEIRA LOPES

PARA A AMÉLIA
E PARA A ADELAIDE



A Infanta partira para os seus Reinos, nas frotas que não voltavam...

E nêsse dia azul, enquanto o outôno errava soluços no parque adormecido, chegaram três bailarinas ao Castelo, — Castelo branco de névoa, do Príncipe de olhos de esmeralda, cabelos loiros onde havia muito sol, perfil de mouro encantado e longa fala em que bailavam cantigas de Além-do-Mar...

E o Príncipe, sempre triste, recebeu as bailarinas que deviam bailar bailados de lotus vermelhos sôbre tapetes da Smirna...

À noite arderam nos cristais de oiro martelado, mirra e aloés, e raízes da verbena e cedro polvilhado de ambar...

E os atimbales dobraram-se em sinfonias de névoa, em longos ritmos bordados da languescência e voluptias... E os burcelins e as violas tinham cantigas vermelhas nas bôcas arroxeadas como bôcas de infusas onde bebessem donzelas...

E num tapete verde de Smirna, ante o Príncipe de olhos tristes, envolta em sêdas de Tyro, a primeira bailarina bailou, bailou... bailou... E sempre em seus olhos tristes a mesma mágua doutrora... a mesma melancolia...

E ao desfazer-se o bailado, o Príncipe, do Terraço, ficava-se a olhar o Mar, longamente, longamente...

Na outra noite, os repuxos tinham côres de sol-poente e perfumes de resinas que partiam os sentidos...

E das anforas onde boiavam pérolas e opálas, saía um fumo de incenso, como um nevoeiro lacteo que aureolasse eucalíptos...

E os atimbales, e os burcelins e as violas gemeram doidamente, apaixonadamente como num chôro de Infanta que encerrassem numa torre...

E num tapete rôxo de Smirna, ante o Príncipe de olhos tristes, envolta em bissus do Egipto, a segunda bailarina deu-se toda aos ritmos sensuais, numa voluptia de nervos, num estertor de bruma ao tocar em um rochedo...

E bailou, e bailou... bailou... e sempre em seus olhos tristes, a mesma magua de outrora... a mesma melancolia...

E ao desfazer-se o bailado, o Príncipe, do Terraço, ficava a olhar o Mar, longamente, longamente...

Na outra noite, o mosaico do salão era polvilhado de oiro e pespontado de

safiras, e as alampadas de granito ardiam em luz vermelha, em luz vermelha, velada, como uma noiva que casa...

E os cisnes e os pavões punham soluços de choro no salão atabafado... E os atimbales e burcelins e as violas gemeram doloridamente, como uma mulher bonita a quem roubassem as joias...

E num tapete amarelo de Smirna, nua em flor... a terceira bailarina bailou bailados exquisitos, com muitos requebros em S, muita lascivia nos olhos...

E bailou, e bailou... bailou... e sempre em seus olhos tristes, a mesma mágua doutrora... a mesma melancolia...

E ao desfazer-se o bailado, o Príncipe, do Terraço, ficava-se a olhar o Mar, longamente, longamente...

E ao outro dia, um dia azul, quando as bailarinas se partiam do Castelo branco de névoa — duas lágrimas lhe brilhavam sôbre uns cabelos de mulher...

Pôrto, 1921

Do Livro *Horas das Infantas*

JOSEFINA LOPES

INDECISÃO

DE THIBALDINA R. MOTTA

*¿Porque sofres dôce bem,
Porque andam tristes tambem
Teus lindos olhos fogosos?*

*Minha vida dor contem;
Vou contar-te, doce bem,
A mágoa que n'ela existe,
Pois teu olhar anda triste
Por me ver triste tambem.*

*Escuta, amor, vais saber
Quem me atormenta o viver
Quem me faz sofrer assim!
É que já não tenho em mim...
Perdôa, amor... quer's saber...*

*E talvez seja pior,
E talvez seja melhor
Acabar sem te dizer.
Olha... adeus... volta a sofrer
Dou-te das dores a menor!*

Thibaldina R. Motta



A MOÇA DA CANTARINHA

DESENHO
DE LÍDIA FERRAZ

GRAVURA DE SIMÃO GUIMARÃES
«HVMVS» N.º 3

“DO AMOR E DA SAUDADE,,

DE A. PINTO NUNES.

Querida
 Ó meu amor, meu sol, ó minha vida
 Ó meu doce tormento!
 Estimo que estas duas mal notadas,
 Que te escrevo tristonhas, magoadas,
 N'um dorido lamento,
 Possam dizer-te o muito que te adoro
 E as amargas lágrimas que choro,
 De amargurada dor,
 Por ti e tudo quanto quis e amei.
 Porque não há no mundo, eu bem o sei,
 Um tão intenso amor.

Querida
 Escrevo para contar-te a minha vida,
 Tormento que mata e me corroi,
 A recordar o tempo que já foi,
 Os sonhos que vivi.
 Quando voltem de novo as andorinhas
 A enfeitar os beirais da tua casa,
 N'um chilrear sem fim
 E alguma d'elas sacudindo a asa,
 Para alembrear recordações velhinhas,
 Te perguntar por mim

Diz-lhe que volto; amanhã... depois...
 Que fui a outras terras, outros sois,
 Buscar desilusões.
 Mas se o destino um dia me deixar,
 Eu voltarei então para levar
 O riso aos teus serões.
 E ao Mondego, àquele velho tonto
 Que aos choupos vai contando o triste conto
 Da pobre e linda Inez,
 Has-de dizer também que volto um dia
 Que à escuridão da noite a luz do dia
 Dará Deus outra vez.
 E aos Choupos e aos Penedos e à Lapa
 E a tudo quanto amou a minha capa
 Que se não foi também,
 Dirás que volto, a soluçar canções...
 Pobre de sonhos, pobre de ilusões
 Qual outro Pedro Sem.
 Adeus, ó meu amor. Ai que tristeza...
 Estende as tuas mãos em ar de reza
 A abençoar-me a dor,
 Heide voltar, virgem de graça cheia,
 Para acabar os versos da epopeia
 do nosso grande amor.

Pinto Nunes

A PAIXÃO DO MAESTRO

DA NOVELA NO PRELO A PAIXÃO DO MAESTRO

por PINA DE MORAIS



U dia qualquer o *maestro* vestia a jaleca vagarosamente sem dizer palavra e sem mesmo trautear a sua canção.

Pensei que fôsse do dia nublado de inverno que deixava uma luz pesada igual e húmida a embaciar o mármore da sala elítica e a esconder os reflexos dos aços ao longo dos armeiros.

Não me respondeu a uma observação propositada que lhe lancei e da prancha de oleado vermelho cumprimentou com um rigôr que não era seu costume e à maneira clássica.

Procurei o seu olhar através da rêde da máscara: tinha as pálpebras arroxeadas descidas e mudas, pareceu-me escondê-lo, isolar-se.

Que terá o maestro?

Ao primeiro encontro dos ferros também nada me desvendou.

O assalto segue, os nossos braços retomando o hábito dos músculos, avivando a memória das fibras que tem de trabalhar. O maestro sacode o corpo inteiro, em *chamadas* rápidas e enérgicas, no seu costume de encontrar o ágil equilíbrio que o distingue. Ainda não tinha acabado de formular a minha pergunta: que terá hoje o maestro — quando me vejo atingido por um olhar frio e calmo de desafio. Ouço um — garde! — gutural, incisivo, num jogo cerrado, excessivamente inérgico. *Páro* e cêdo, páro e cêdo. O *maestro* tem um vago sorrir para a minha inferioridade e entra de gritar continuamente

Garde!

Garde!

Garde!

fazendo desaparecer a espada numa mudança de *linhas* assustadôra, alargando e fechando o jôgo, o que obrigava a minha pobre lâmina a correr inconsciente atrás dum fogo fatuo de sintilações. O ferro doido do *maestro* passa no ar sombrio da sala fria e deserta uma teia de reflexos que me dá vertigens. A ponta toca, retoca, o meu plastron cortando, rindo da minha defesa.

O pulso assombroso do professor mexe-se como um grão de chumbo dentro dum guiso e o ruído dos nossos ferros tlinta como muitas moedas entornadas.

O suor que cola as camisolas começa a enodoar as çamarras. Não entra ninguém na sala. O maestro enervado, a minha defesa só de *paradas*, sem *responder*, interrompe os seus *garde*, para me atirar um provocadôr.

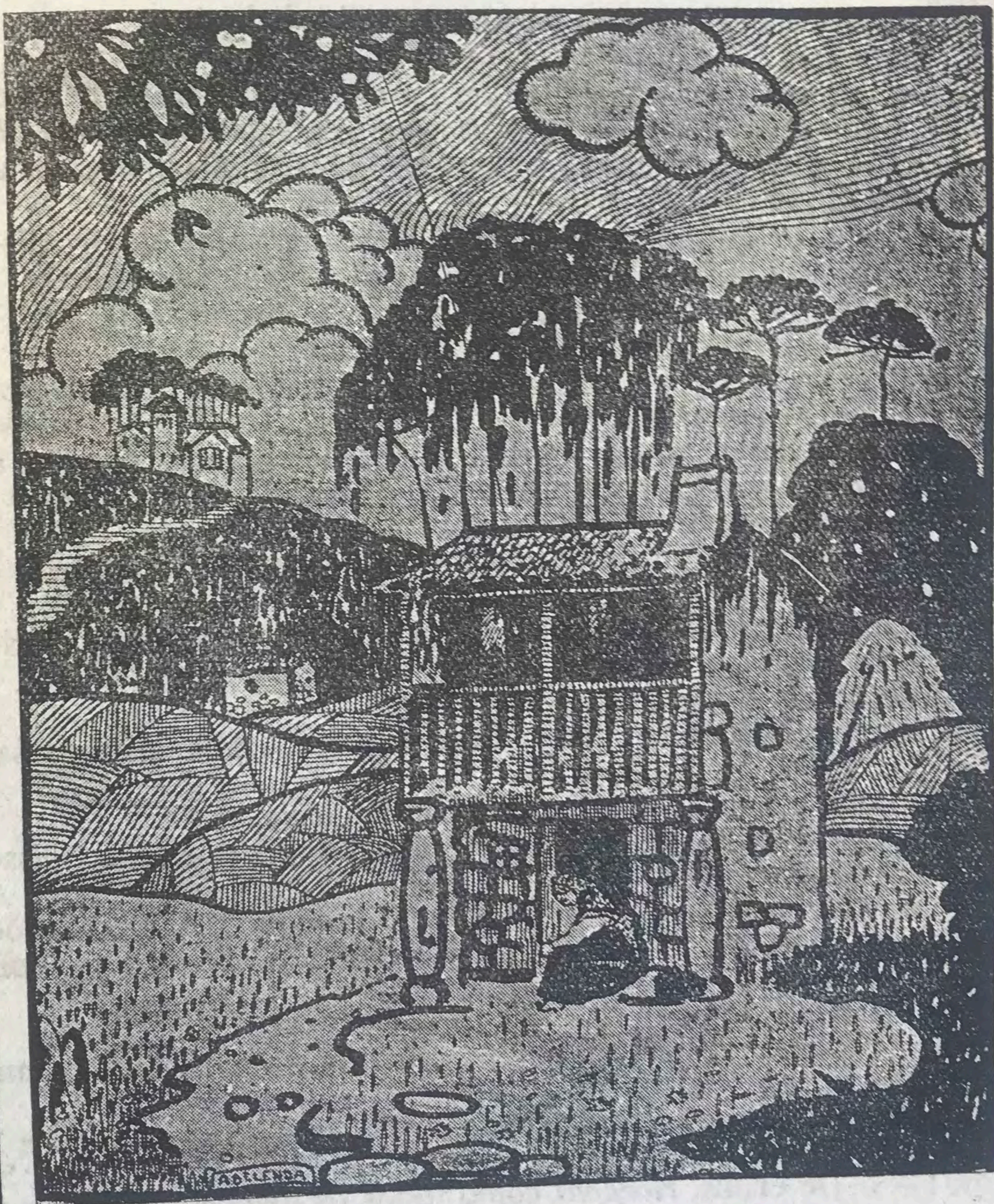
— Alors?!

metendo o punho num convite franco de *terça*. Mas o seu olhar mais rápido que o ferro pontua as veleidades de ataque a que o desespero me leva. *Descobre-me* sempre e responde violentamente *flechando em serie*, curto, em toda a prancha. Varia o estilo (os esgrimistas tem o seu como os escritôres) e o combate prolonga-se.

E' infinito o número de frases.

O olhar do maestro tem uma fixidês de animal selvagem. As feições tem uma imobilidade absoluta, sómente o bigode branco estremece contra a rêde de arame escuro da máscara. Chego a ter mêdo de um acaso desagradável da sua lâmina e tranquiliso-me, aproveitando o deslize das nossas espadas, para verificar que a de êle está bem *boutonné*. O jogo continua e faz em série, acelerada-

PAISÁGEM GALÊGA



DESENHO DE
ABELENDÁ

mente o seu golpe favorito, sem ter o vago sorriso misterioso que costumava espalhar na máscara! A sua insistência é tão grande o seu ferro aperta-me duma fôrma tal que eu resolvo gritar-lhe.

— Maestro!

O maestro abre a mão e deixa cair a espada que bate surda na prancha e depois tinta o aço fino nos mármorees do chão, dizendo baixo, as feições das figuradas, como se acordasse dum ataque de nervos.

— Perdonate. Um recuerdo alors. Perdonate finit, finit — acabou o professor, numa voz de dolorosa de perdão, abanando os hombros desoladamente.

E desta vez convenci-me devéras que o meu maestro tinha matado.

A sala continuava muda na luz baça de inverno. E enquanto lhe segurava o agasalho que costumava vestir depois do jogo voltou a cara para mim, dizendo em ar confidencial:

— Um dia heide contar-lhe uma história... uma broma vamos e saio a sorrir da minha surpresa. Tinha uma história o velho italiano.

Não me enganara.

Mais tarde adoeci e o italiano foi visitar-me. Sentou-se na beira da minha cama. Vinha comunicativo o que eu notei porque era costume da sua bôa disposição falar como se estivesse com pressa usando indiferentemente as palavras das linguas que aprendia pelo mundo fóra.

Estendi-lhe por delicadeza a minha cigarreira para lhe ouvir dizer como do costume — figlio, não tenho vícios pequenos, só os tenho grandes!

E, esperei saborear o meu cigarro à custa da sua história que lhe fazia contar. Como os fumadores dão ao cigarro estes luxos!

— O maestro podia agora contar-me a sua história... a tal *broma*... a que me prometeu, an? Senhor Leone.

O professor pareceu sufocar com a minha lembrança, descaiu a cabeça sôbre o peito e fixou os olhos no tapete onde, devagar, parecia querer abater a felpa mexendo-a acamando-a no mesmo sentido com um dos pés.

— C'est rien, tornei eu imitando-o no seu modo de falar — ninguêem o saberá meu querido amigo.

Ao fim de uns segundos o italiano exclamou numa compunção dorida:

— *Tristi amore! Tristi amore!*

Depois fixando-me e como se eu não ouvisse.

— *Tristi amore! Tristissime! Tristissime, signore!* | *Mia madona santa,* | *A Dolorosa mater...*

A sua vós tinha o tom implorativo e fatal, magoava.

— Se eu soubesse que o incomodava, não lhe pedia Leone; disse-lhe eu batendo-lhe amigavelmente no hombro.

— Sim, matou-se, continuou o professor, no caminho das recordações lo há querido, bem, bem, uma broma, uma pinta de sangue... e c'est tout, voilà figlio mio! Mais nada, acabou.

— Conte *maestro*, conte...

O *maestro* levantou-se, correu o reposteiro da porta, sentou-se mais próximo de mim e disse-me:

— Espere lá, sim, espere, tinha vinte e cinco anos, é isso, vinte e cinco e vim a Genova bater-me num grande torneio, estava lá o espanhol Saladera — que bueno! — o De Gadis, *ricanont* como todos os diabos — e veja lá, apaixonei-me por uma mulher! Como se diz na sua língua — paixão? suspendeu o maestro como se procurasse expressões, *passione del cor* — sabe? E abanando a cabeça como quem verifica uma coisa irremediável — por toda mi vida!

O maestro cala-se domidado — deixando espalhar em si — o que estes gritos de alma acordavam.

E depois, como a justificar-se aos meus olhos, continuou.

— As paixões devem medir-se pela duração — que valia um sol que se acendesse só um dia? E se ela não acabou, se não acaba é porque *cierto, cierto*



PINA DE MORAIS

RETRATO
POR ANTÓNIO CARNEIRO

GRAVURA DE SIMÃO GUIMARÃES
«HVMVS» N.º 3

se aprofunda, uma fonte que não séca faz *hondo, mui hondo* nas fragas, perdonate estas histórias, mas se isto se dá com uma fonte — que será com um amôr!

Via. Encontro dos olhos, encontro de palavras.

O italiano em tom de procura ao seu passado, repete.

— Os caminhos do destino não tem traçado como os que pisam os pés, já são mais vagos os caminhos que desenham asas, mais ainda-tanto! os da luz, os da alma, então... é caminhar sem caminho... Encontro dos olhos. Pareceu-me que nunca tinha visto na minha vida e toda esta luz que perenemente as nossas orbitas vertem, andava dentro de mim rumorejante à procura como a água anda no seio da terra, à procura de brotar — ah! e encontrou por onde — os olhos dela! eu nunca tinha visto... Eram negros-mate, de merino escuro, solenes, côr de dôr. As côres dos olhos, *caro mio!* o maestro fala devagar, a palavra branda e destacada.

Os olhos de tons claros são cheios de movimento, vae-vem de ondas, maresias, espumas, levam-nos e perdem-nos na imensidade da luz que muda, céga, renova.

Amam-se a cada momento da sua vida infinita. Os olhos negros — não, *signore*, quanto mais a gente se aproxima, mais se aprofundam, tem um caminho aberto para onde? para um mistério...

O maestro ri nervosamente, inclina-se para o meu lado e apoia a mão nervosa sobre a dobra do lençol.

— Os olhos negros, fazem descer a sua luz vagorosamente crepusculando os sentidos, enodoando a alma, os de ela eram como duas naves de luz densa e suntuosa, as palpebras mármorees arqueados, as naves dos templos do meu país. Os olhos negros maestrino, acabam sempre por torturar — os dela tinham uma ponta de aço entre os veludos e as sombras, uma ponta de aço que me tatuava impiedosamente — nunca lhe descobri uma *parada!*

O maestro sorri voluptuoso, acabando o gesto rápido duma mudança de *terça*. Afinal tem subtilezas sem sêr com os seus ferros...

— Cale-se, respondeu o maestro no tom em que reprovava qualquer *contra* inútil, para continuar diante do meu sorriso.

— Os olhos claros espelham a luz que os envolve, dão-se ao sol, tem o milagre do reflexo, consomem sem gastar, guardam sem prender, tiram sem diminuir, possuem sem manchar... os olhos negros matam toda a luz que tombe nas suas orbitas fatais; Os olhos claros são uma Aleluia perpétua, os olhos negros uma crucificação infinita de luz.

Os olhos claros olham envolvendo, os olhos negros olham fixando.

O olhar claro é sempre cheio de anciedade, de vôo — os olhos negros são caminhos de noite.

Os dela olhavam nos meus, a sua côr estranha vaporisava-se numa neblina, as feições perdiam-se e toda a minha alma num clamôr oceânico subia, alargava-se.

Lilith a litorais

BALADA OUTONICA

POR PEREIRA CARDOSO

Cáem folhas amarélas,
E rodopiam no chão.

Tenho dó!

Porque abraçado com elas,
Numa doida convulsão,

Vai o pó.

Esse irmão mais velho, delas.

E num abraço fraterno
Mais ageis do que gasélas,

A fugir,

Perseguidas pelo inverno,

Vão as folhas amarélas,

A sorrir...

Desse velho fáuno, inverno!...

As folhas tão leveirinhas,

A ir, a vir, a tornar...

Todas elas,

Fazem lembrar pobresinhas,

A pedir, a mendigar...

.....

Pobres folhas, coitadinhas!

O' folhas amarelinhas,

Pelo chão a gargalhar!

Não saber

Eu, ó bailadeiras rainhas,

Porque assim, nesse bailar,

Vão morrer,

As folhas amarelinhas!...

Um dia, quando eu morrer,

O' folhas, velhas crianças!

Ao sol-posto,

Após outras, a correr,

Ireis buscar-me p'rás danças.

Porque eu gosto,

Das danças de entontecer!...

Antônio Pereira Cardoso

CREDORES E CEGOS

POR ALVARO DELMAR



PERGUNTANDO ao leitor—o leitor que se preza, está bem de vêr, e que portanto tem crédito e, por consequência, credores, que o dever é honra e o pagar é brio, e esta ultima coisa é de uso dispensar-se cá na terra—perguntando ao meu bom leitor, qual dos dois animais, o bicho credor ou o bicho cego—não me refiro à toupeira, que também dizem ser cega, nem à justiça ou ao amor, porque esses sabemos nós que, n'estes sertões, são verdadeiramente ceguinhos de nascença—qual dos dois será mais damninho, mais antipático e mais irritante, aposto a minha corrente d'ouro, que por sinal é de plaquet muito fino e bastante grossa, em como dirá logo que é peor o credor e que este é muito mais repugnante. Pois labora num êrro e comete uma injustiça lamentavel! Eu já descobri que o mais nefasto é o cego!—E o

que é que eu não descobrirei?!

Se ha animal mais util, mais serviçal, mais dedicado, mais soffredor, mais bemdizente e que mais mal pago seja que o credor! Está para a humanidade como o sapo para a agricultura: só faz bem e só se lhe paga com o mal, odiando-o ou torturando-o.

A vida do credor é uma vida de martyrio, é o mais amargurada possivel! Qualquer pessoa que é obrigada a gastar dinheiro—porque estes selvagens, apesar de muito atrasados, usam varias coisas como sejam: pedaços de papel, cartão, porcelana, cobre, ferro, e, principalmente, uns depósitos com estrume concentrado a que convencionaram chamar dinheiro—paga-o e depois pode bufar. Só para o credor é que se inventou o dito: pagar e não bufar.

Realmente—devia dizer-se antes presidencialmente, que isto afinal parece que é uma república—realmente, o credor pagou o seu dinheiro desde que o emprestou ou o fiou, mas não tem o direito de bufar porque, se bufa,... se diz mal ou faz partida ao devedôr, este, se tiver vergonha... não lhe paga! Era o que faltava!—Quando diz mal sabe-se logo o que doe.

O credor consciencioso e que tem algum amor ao dinheiro, trata-nos muito bem, paga-nos café e, de vez em quando, um charuto, vae-nos a pequenos recados defende-nos n'uma desordem ou n'uma disputa, toma o nosso partido nas discussões, muitas vezes apresenta-nos à mulher ou à amante—dizem que é para ver se a gente se envergonha—e, principalmente, não cae nunca em dizer mal de nós, pelo menos de forma que a gente o possa vir a saber, senão...

Tem pois todos os requisitos d'um bom amigo: franqueza, generosidade, dedicação, não é má língua para nós... sem contar que não nos mete nem nos deixa meter em sarilhos!

Se eu fôr a ficar debaixo d'um electrico, atacado d'essa rara doença da locomoção, tão semelhante à dança de S. Vito, ou fôr a cahir ao rio, eu que não sei nadar, qual será dos meus credores aquelle que, podendo accudir e salvar-me, mesmo com risco da própria vida, o não faz? Nenhum. E os amigos farão outro tanto? Duvido.

—Grande alma é a do credor!

O credor—e ahi vai desvendado o último msytério, posta a nú a melhor fa-

cêta do seu carácter d'élite— cá na minha opinião, é um cúmulo, o cúmulo do paradoxo!: O credor é a melhor fonte de receita que a gente pode ter! Sim, senhores, a melhor! Não acreditam? Pois então digam-me lá se qualquer credor não está sempre prompto e se se não presta da melhor vontade a procurar ao seu devedor indivíduo que lhe empreste dinheiro ou não tenta arranjar-lhe casamento rico! Dizem que é para ver se se lhe paga o d'ele, com o que não temos nada. Más línguas! E' mentira! Ainda se me dissessem que era para ter com quem se consolasse! Mas não: é que o credor é um animal que pucha melhor quando acompanhado, porque, encostando-se e apoiando-se n'outro, chouteia melhor o caminho do tempo.

OS NOVOS



ALVARO DELMAR

POR AMÉRICO TAVARES

Em summa, o credor só nos deseja muita vida, muita saúde, muito dinheiro e... muito boa disposição!

E o cego? O cego, meus senhores, isso sim, isso é que é uma bisca! Já lá dizia o outro: não há cego nenhum que não desse tudo para ver enforcar os próprios que lhe dão esmola!— Maus figados, irra!

E é que agora não pode a gente entrar n'um café, n'uma taberna ou um restaurante, que d'ahi a minutos, não tenha logo uma injeção de guitarra, violão, rabeca, bandolim e até latas de graxa, o diabo!— um grupo, uma malta, uma quadrilha d'esses atormentadores, a empecer-lhe a digestão, a esquentar-lhe o cérebro, a irritar-lhe os tympanos e a tentar esvasiar-lhe as algibeiras! E se a coisa pega e a quête foi choruda? Então é maré da gente sacrificar o todo pelo todo e, para não ter de se pagar uns mezes de pensão no hotel do Conde Ferreira, gastar uns muitos escudos na tipoia, para fugir mais depressa, porque a nova quête, com muitos sorrisos sabujos e sornas à mistura, não se faz esperar e temos que largar na bandejinha de folha nova es-

pórtula, além de termos de mostrar cara d'agrado e dizer uma phrase laudatória ou emitir uma opinião favorável, d'incitamento, sob pena de sermos insultados e tratados de estúpidos ou poucos amantes da bella arte da música!

Antigamente, antes d'esta praga, havia outra, mas essa ainda se supportava e até, por vezes, nos divertia: era a dos realejos, que os seus donos arrastavam ou faziam arrastar por um burro pelas ruas fóra. Os seus possessores, quási todos ita-

lianos, foram os antecessores d'esses modernos *artistas* musicais que por ahí impam até às tantas, pelas tascas, e possuíam também, geralmente, um cãosito ou um marcao e dar cabriolas ou *bater chocolate*, extravagante e bizarramente vestidos de generaes ou cosinheiros. Mas os cegos d'agora, muito mais importunos porque até entram pelas casas dentro, de macacos só teem quem os ouve e, de cães, só os da troupe, que andam com a bandeja, porque vão *buscar* e trazem à mão, e os que podem pregar onde calha.

Os actuais músicos ambulantes formam grupos que chamam de cegos e tres ou quatro mariolas, borrachões, descarados e rufias que o acompanham. Muitos grupos porem não teem cego nenhum; teem só os mariolões, dos quais um, o mais pechote em música e mais descarado, é chamado o pistola ou atirador e tem como arma visível a bandejinha.

De resto, os antigos músicos ambulantes tinham, não sei se à custa d'uma corrida e d'um susto ou d'uma boa bacamartada na Calabria, mas tinham algumas vezes, instrumentos novos, afinados, que tocavam mesmo trechos musicais que se podiam ouvir sem perigo de maior, regulares, e até bocados de ópera. É certo que não eram elles quem os compunha e que o repertorio era limitado. Mas os de hoje, os de hoje, alem de compositores e instrumentistas, são os grandes propagandistas de todos os vomitos musicais, de toda a música obscena das revistas e de toda a música chula e corriqueira que por ahí pulula.

E é que parece que levam em capricho obrigar-nos a aprender certos trechos, à fôrça de os ouvirmos, por mais duros de ouvido que sejamos ou mais fraca memória que tenhamos, porque, quando está na moda um fado ou um número de agrado de revista, o bicho cego combina-se e ei-lo que, no mesmo dia, todos os grupos arrebetam a toca-lo! Passa-se por tres ou quatro troupes e todas ellas tocam o *Liró*, o *Fado do 31* ou o *one-step Joffre* — ó Rosa enxota o pinto...

Ha annos este desafôro chegou a um ponto tal, a fúria com uma música foi tanta, que as auctoridades do Porto e Lisboa viram-se obrigadas a prohibir a execução em público d'uma aria. Era uma obsessão, um pesadelo, um azorrague permanente nos ouvidos com a "Alma de Dios", que afinal veio a ser a mais impertinente alma do Diabo que se pode imaginar! — *Vae-te vagabundo...!*

Alvaro de Almeida

AO RÍTMO DA ARÁGEM...

POR ABÍLIO DE MESQUITA

Vou cantar. As minhas trovas
Hão-de, por certo, dizer
Qualquer coisa da saudade
Que nem eu sei entender.

Dizes tu que já não sábes
Das minhas tristes cantigas;
Fui-as encontrar suspensas
Dos lábios das raparigas.

Vestíram luto profundo
Teus lindos ólhos pisados
E ouço dizer todo o mundo
Que eles são os meus pecados...

Não ames; ségue outro rumo,
Não te quero ver sofrer...
O amor vai, como o fumo,
Para onde o vento quer...

Quem me dera ouvir de ti
O que tu nunca disséste.
Nas cartas que te escrevi
Vai o que nunca escrevêste!

Tu andas sempre a cantar
Os versos que te mandei...
Não são cantigas, são beijos
Que em teus lábios coloquei.

Amor com amor se paga
Eu não posso acreditar...
Dei-te um beijo e tu coráste,
Não mo quizéste pagar.

Porque vens ruborizada
E quási a chorar, não sei...
Com certeza, na esfolhada,
Encontráste o milho-rei!

Um dia vi nos teus ólhos
Um sonho que ninguém vê;
Desde então, de tanto amar,
Perdi-me não sei porquê!...

Vou partir. Levo a saudade
Dos beijos que te pedi...
Deus me leve, Deus me traga
Para bem junto de ti;...

Abílio de Mesquita

1921

Do livro a sair
Nuvens...

VIRA (ALTO-MINHO)

Estilizado em os «Fidalgos da Casa Mourisca»
(scena da esfolhada)

POR ARMANDO LEÇA.

VIRA: A mais portuguesa das dansas, prototipo com inumeras imitações.

Há *Viras* ao desafio como baile dansa, e como descante de cantadores; o número dos pares, as Voltas, e o ritmo acompanhador dos instrumentos teem variantes regionais, divergentes. Originário do Minho, o *Vira*, é desgracioso em terras transmontanas e da Beira-Beixa, rude no Douro e recatado na Beira-Alta. Além Mondego amolenta-se, mal se adapta sendo preferido popularmente pelo bailarico e fandango.

Armando Leça

VIDA LITERÁRIA

OBSTINADOS PELO VISCONDE DE VILA-MOURA

Visconde de Vila-Moura, o incomparável artista da *Nova-Safo* e dos *Ultimos*, dá-nos agora, numa rajada de Emoção e de Elegia, uma série de contos onde perpassam figuras doentes de *obstinados*, em torturas íntimas e taras que se ficam muito para cima do vulgar nos livros que teem ultimamente aparecido,

O *Boneco*, pedaço amargurado duma vida — a vida do próprio escritor. talvez... — é o retrato intenso duma alma que se desterrou para o mundo de seu mesmo Sentir, e para quem Deus, em quem vive, é o *distante e supremo encontro das gerações passadas com as gerações por vir*...

Anónimos, é outra formidável mancha desenhada com sombra, num interior branco de moínho.

Aquele *Toeira*, um tarado da miséria que vai achar a reabilitação no mundo exiguo dum filhito raquítico, é talvez a figura máxima, naquela pureza de traços que só o Visconde de Vila-Moura sabe talhar.

Obstinados é bem um *livro*. Um livro não para a comentação e o elogio *às mesas dos cafés*, mas um livro onde a nossa alma se eleva em Deus. Um livro onde canta e passa a tortura enorme daquêles *que no mundo arrastam esperanças fóra de si*.

CANÇÕES DUM PORTUGUÊS POR ARMANDO LEÇA (2.º volume)

Armando Leça, um novo já consagrado pela crítica, que tem consumido a sua mocidade, por essas aldeias suaves de Portugal, a ouvir cantar as raparigas e os moços de todas as regiões onde se canta a genuína música portuguesa; Armando Leça, o nosso ilustre colaborador que é tão justamente apreciado, acaba de publicar o 2.º volume das suas *Canções dum português*, um trabalho encantador de emoção como o são todos os seus. Nem outra coisa poderíamos esperar do autor das músicas que acompanharam ultimamente o *film "Fidalgos da Casa Mourisca"*, senão daquela música que Armando Leça tão bem escreve fazendo-nos sentir bem portugueses ao ouvi-la.

FLORILÉGIO POR JOÃO MARIA FERREIRA

O poeta das *Óras de silêncio*, dos *Oásis* e tantas outras obras poéticas, publica agora, numa compilação das suas melhores poesias, o *Florilégio*.

É um livro todo lírico, às vezes com certa nota de elegíaca tristeza que o autor fere com habilidade. Assim, por exemplo êle nos diz:

*Na estreitinha casita do meu peito
Aonde outróra ouve um bento lar,
Só hoje existe o sítio onde, desfeito
O tempo rude o fez desmoronar.*

João Maria Ferreira tem, através do livro pedaços de muita alma e muita beleza.

Em próximos números, HVMVS publicará:

Colaboração literária de: — Dr. Aarão de Lacerda, Abílio de Mesquita, Afonso de Bragança, Alexandre de Córdova, Alexandre de Médicis, Alfredo Guimarães, Alvaro Delmar, Antão de Moraes Gomes, Dr. Antero de Figueiredo, António de Cértima, Dr. António Ferreira, Dr. António de Magalhães, António Pereira Cardoso, António Pinto Nunes, António Santos Júnior, Artur da Silva Guimarães, Capitão Barros Bastos (A Ben Rosh), Carlos Malheiro Dias, Celestino Gomes, Conde de Sabugosa, Cristiano de Carvalho, Euxénio Carré (Pai), Lopes Abente, Dr. Hernani Cidade, Horácio Galo Fontes, Horácio Guimarães, Dr. João de Barros, João Grave, João Maria Ferreira, Jorge Condeixa, Jorge de Novais Cruz, Júlio Brandão, Dr. Júlio Dantas, Ladislau Batalha, Leandro Carré, Dr. Leonardo Coímbra, Manuel Nugris Freire, Mateus de Macedo, Narcizo de Azevedo, Pina de Moraes, D. Ramon de Cabanillas, D. Tibaldina Mota, Titolívio Santos Mota, Vaz Passos, Visconde de Vila-Moura, etc.

Colaboração artística de — Abelenda, Américo Tavares, António de Azevedo, António Carneiro, António Varela, Castelo, Cristiano de Carvalho, Diogo de Macedo, Gonçalo Pacheco Pereira, João Carlos, Dr. João Monteiro, João Peralta, Joaquim Lopes Leal da Câmara, D. Lídia Ferraz, Mauricio de Almeida, Octávio

Por erro tipográfico a gravura da página musical foi impressa invertida, pelo que pedimos desculpa aos Ex.^{mos} leitores.

A REDACÇÃO.

SALÃO-JARDIM DA TRINDADE

A CASA DE ESPECTACULOS
DE MAIS DISTINTA CONCORRENCIA
E MAIS LUXUOSA DO PORTO

Peliculas sensacionais e da maior actualidade

AOS SABADOS: Soirées Elegantes

AOS DOMINGOS: Brilhantes Matinéés

Concertos no salão d'inverno

NO JARDIM

Concertos de Banda

— Escola de tiro —

Iluminações — Bufet

Novo Salão HIGH-LIFE

BATALHA

O Animatografo mais popular
e mais frequentado do Pôrto

—
TODAS AS NOITES

PROGRAMA SENSACIONAL
GRANDIOSAS ESTREIAS

As pelliculas da maior actualidade

EXPLENDIDO TERCETO

Execução de trechos adequados
ao assunto dos films

— AOS Domingos —

MATINÉES

Em próximos números, HVMVS publicará:

Colaboração literária de: — Dr. Aarão de Lacerda, Abílio de Mesquita, Afonso de Bragança, Alexandre de Córdova, Alexandre de Médicis, Alfredo Guimarães, Alvaro Delmar, Antão de Moraes Gomes, Dr. Antero de Figueiredo, António de Cértima, Dr. António Ferreira, Dr. António de Magalhães, António Pereira Cardoso, António Pinto Nunes, António Santos Júnior, Artur da Silva Guimarães, Capitão Barros Bastos (A Ben Rosh), Carlos Malheiro Dias, Celestino Gomes, Conde de Sabugosa, Cristiano de Carvalho, Euxénio Carré (Pai), Euxénio Carré Alvarelos, Florêncio Vaamonde, Guilherme Felgueiras, Gonzalo Lopes Abente, Dr. Hernani Cidade, Horácio Galo Fontes, Horácio Guimarães, Dr. João de Barros, João Grave, João Maria Ferreira, Jorge Condeixa, Jorge de Novais Cruz, Júlio Brandão, Dr. Júlio Dantas, Ladislau Batalha, Leandro Carré, Dr. Leonardo Coímbra, Manuel Nugris Freire, Mateus de Macedo, Narcizo de Azevedo, Pina de Moraes, D. Ramon de Cabanillas, D. Tibaldina Mota, Titolívio Santos Mota, Vaz Passos, Visconde de Vila-Moura, etc.

Colaboração artística de — Abelenda, Américo Tavares, António de Azevedo, António Carneiro, António Varela, Castelo, Cristiano de Carvalho, Diogo de Macedo, Gonçalo Pacheco Pereira, João Carlos, Dr. João Monteiro, João Peralta, Joaquim Lopes, Leal da Câmara, D. Lídia Ferraz, Mauricio de Almeida, Octávio Sérgio, Pelayo, Sousa Caldas, Teodoro Craveiro, Tomás Costa, etc.

Colaboração musical de: — Dr. Aarão de Lacerda, Armando Leça, Belchior Júnior, D. Estefânia Cabreira, Herminio do Nascimento, D. José Doncel, Manuel de Pinho e Melo, Raúl Casimiro, etc.

Inéditos dos poetas mortos: — Gomes Leal, Dr. João Penha e Dr. Manuel Laranjeira.

Autógrafos de: — António Nobre, etc.

Inéditos de: — Adolfo Rodrigues e Soares dos Reis.

Música inédita de Ciriaco Cardoso.

SALÃO-JARDIM DA TRINDADE

A CASA DE ESPECTACULOS
DE MAIS DISTINTA CONCORRENCIA
E MAIS LUXUOSA DO PORTO

Peliculas sensacionais e da maior actualidade

AOS SABADOS: Soirées Elegantes

AOS DOMINGOS: Brilhantes Matinéés

Concertos no salão d'inverno

NO JARDIM

Concertos de Banda

— Escola de tiro —

Iluminações — Bufet

Novo Salão HIGH-LIFE

BATALHA

O Animatografo mais popular
e mais frequentado do Pôrto

— z —
TODAS AS NOITES

PROGRAMA SENSACIONAL
GRANDIOSAS ESTREIAS

As peliculas da maior actualidade

EXPLENDIDO TERCETO

Execução de trechos adequados
ao assunto dos films

— Aos Domingos —

MATINÉES

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA

FABRICAS EM:

LISBOA - PORTO - POVOA DE
SANTA IRIA - CARAMUJO
BEJA - BARCELOS

FARINHAS

SEMEAS

BOLACHAS

BISCOITOS

MASSAS

FILIAL NO PORTO:

Rua Santos Pousada, 338

— PORTO —